

Trabalho premiado no GT 6 – Informação, Educação e Trabalho,
do XXII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB 2022)

 [10.58876/rbbd.2024.2012059](https://doi.org/10.58876/rbbd.2024.2012059)

Competência em informação de pais de surdos: estudo do compartilhamento e das fontes de informação

Information literacy of deaf parents: study of information sharing and sources

Ana Paula Pereira

Doutoranda em Ciência da Informação pela
Universidade Estadual de Londrina (UEL).
E-mail: appuel@yahoo.com.br

Adriana Rosecler Alcará

Doutora em Psicologia pela Universidade São Francisco.
Docente do Departamento de Ciência da Informação da
Universidade Estadual de Londrina (UEL).
E-mail: adrianaalcara@gmail.com

RESUMO

O estudo tem como objetivo refletir sobre a competência em informação, a partir do compartilhamento e das fontes de informação utilizadas por pais de surdos em seus fazeres informacionais cotidianos. Acredita-se que este processo pode fomentar a aprendizagem sobre informações atreladas à surdez. Trata-se de um estudo exploratório e descritivo, com abordagem quali-quantitativa. Adotou-se uma pesquisa de campo, cujo instrumento de coleta de dados foi o questionário. A população-alvo foi composta por 34 pais que têm seus filhos surdos atendidos por duas instituições especializadas na área de surdez na região norte do estado do Paraná (BR). Os resultados obtidos indicaram que as fontes de informação mais utilizadas foram: outros pais de surdos, familiares, sites especializados sobre a surdez, posto de saúde (médicos, enfermeiras) e as próprias instituições que integraram o estudo. Dentre as habilidades informacionais destacaram-se: saber usar a informação para participar da vida do filho surdo; usar a informação para auxiliar o filho surdo e saber localizar e usar a informação quando necessitam. Conclui-se que os pais de surdos ao desenvolverem as habilidades técnicas, cognitivas e atitudinais da competência em informação podem lidar com as informações e consequentemente com a surdez de modo mais consciente e reflexivo. Além disso, quando eles se sentem pertencentes à comunidade surda, podem multiplicar o seu conhecimento, ao aprender, compartilhar e produzir informações nas diferentes fontes, com as quais poderão lidar com desafios e dificuldades.

Palavras-chave: Competência em informação. Habilidades informacionais. Fontes de informação. Surdez. Pais de surdos.

ABSTRACT

The study aims to reflect on information literacy, from the sharing and sources of information used by parents of deaf people in their daily informational actions. It is believed that this process can encourage learning about information related to deafness. This is an exploratory and descriptive study, with a qualitative and quantitative approach. A field research was adopted, whose data collection instrument was the questionnaire. The target population consisted of 34 parents who have their deaf children attended by two institutions specialized in the area of deafness in the northern region of the state of Paraná (BR). The results obtained indicated that the most used sources of information were: other parents of deaf people, family members, specialized sites on deafness, health centers (doctors, nurses) and the institutions that integrated the study. Among the informational skills, the following stand out:



knowing how to use information to participate in the life of the deaf child; use the information to help the deaf child and know how to locate and use the information when they need it. It concludes that deaf parents, when developing the technical, cognitive and attitudinal skills of information literacy, can deal with information and consequently with deafness in a more conscious and reflective way. In addition, when they feel that they belong to the deaf community, they can multiply their knowledge by learning, sharing and producing information from different sources, with which they can deal with challenges and difficulties.

Keywords: Information literacy. Informational skills. Information sources. Deafness. Parents of deafs.

1 INTRODUÇÃO

Receber o diagnóstico da surdez de um filho em uma família de ouvintes, em geral, é lidar com o desconhecido e o inesperado. Os pais, ao descobrirem que o filho é surdo, vivenciam a perda de um filho idealizado e passam “[...] por diversas fases cíclicas, incluindo o choque inicial da descoberta, a negação do diagnóstico e a busca por ‘curas milagrosas’, o luto e a depressão, até que possam entrar no estágio de aceitação e adaptação” (Melo, 2011, p. 48) e buscar informações.

Se considerarmos que os pais precisam de informação para “[...] tomar uma variedade de decisões que os pais de crianças ouvintes não enfrentam, nomeadamente em relação aos diversos programas de educação, de terapia, de métodos de comunicação, de tecnologias de amplificação e ainda de intervenções médicas disponíveis” (Rodrigues; Pires, 2002, p. 389), podemos compreender os conflitos que se instauram em suas vidas.

Nesse sentido, eles precisarão recorrer a diferentes fontes de informação que possam atender parcial ou totalmente as suas necessidades e expectativas. Escolher a forma de comunicação (Oralismo, Bilinguismo, Língua de Sinais, entre outras), realizar ou não a cirurgia de Implante Coclear, conhecer os direitos de uma Pessoa com Deficiência (PcD) (e enfrentar a luta contínua e árdua pela inclusão dos filhos em todas as esferas) e tantas outras questões da vida em sociedade em que os pais precisarão de informações úteis para tomar decisões mais conscientes e concomitantemente ter condições de refletir e aprender. Tais ações podem ser favorecidas com a formação e desenvolvimento de habilidades que integram a competência em informação.

A competência em informação é constituída por um processo de aprendizagem contínuo para saber de que modo lidar com a informação e conforme o indivíduo aprende a aprender, pode enfrentar situações e fazer escolhas. Nesse sentido, Silva e Spudeit

(2020, p. 120) defendem que “[...] a competência em informação é um processo de aprendizagem informacional que busca desenvolver habilidades e conhecimentos específicos [...]”. Diante da surdez que inicialmente lhes parece um universo informacional novo, os pais precisam se sentir seguros e confiantes para lidar com as próprias emoções ao mesmo tempo em que aprendem e desenvolvem diferentes habilidades para lidar com informações até então desconhecidas e, conseqüentemente, com os filhos surdos.

Dessa forma, o objetivo geral deste estudo (que fez parte de uma pesquisa mais ampla no âmbito de dissertação de Mestrado) foi refletir sobre a competência em informação dos pais de surdos em suas ações informacionais cotidianas. Quanto aos objetivos específicos, buscamos identificar as dificuldades ou facilidades que apresentam em relação ao compartilhamento e às fontes informacionais e de que modo utilizam a informação para sanar suas necessidades informacionais. Quanto a isso, Vitorino (2016, p. 437) explica que as inferências das pesquisas precisam identificar “[...] os grupos de indivíduos que realmente são necessitados em informação [...]”. Desse modo, entendemos que este estudo pode contribuir para um olhar mais humanizado voltado às populações vulneráveis e excluídas, a partir da investigação de questões que envolvem a competência em informação dos pais de surdos no âmbito da Ciência da Informação.

2 COMPARTILHAMENTO, FONTES DE INFORMAÇÃO E A COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO NO CONTEXTO DA SURDEZ

O diagnóstico tardio da surdez pode trazer graves conseqüências para os surdos. No Brasil com a obrigatoriedade da Triagem Auditiva Neonatal é possível identificar a surdez precocemente já nos primeiros dias de vida (24h a 48h) (Brasil, 2012). Todavia, o diagnóstico ainda que precoce faz aflorar diversos sentimentos nos familiares, principalmente os pais. Na maioria dos casos isso ocorre porque os pais não sabem o que fazer e como agir. Soma-se a isso, o excesso ou a falta de informação que os deixa ainda mais fragilizados, como relata Schaade (2020, *online*):

A avalanche de informações que recebemos junto com o diagnóstico, somado às desinformações que também recebemos e na mesma velocidade, as dúvidas, o pouco caso das instituições, a briga eterna de IC x Libras, terapias...Tudo isso desgasta e consome qualquer mãe. É uma dor muito solitária. Temos medo do presente e do futuro.



É possível notar que a quantidade excessiva de informações no diagnóstico, quando não atendem às reais necessidades dos pais, torna a experiência ainda mais desafiante. No artigo intitulado “Stress and Coping in Families with Deaf Children” Feher-Prout (1996, p. 155, tradução nossa) explica

A percepção de que uma criança é surda causa estresse em famílias que tiveram pouco contato com surdos e sabem pouco sobre as implicações da surdez. Além de lidar com o choque do diagnóstico inicial, as famílias devem adquirir uma compreensão de um corpo de conhecimento substancial e complexo.

Tal situação é retratada no filme *E seu nome é Jonas* (1979), que narra as dificuldades e conflitos de Jenny Corelli, uma mãe de um menino surdo (Jonas) que vai encontrar as respostas para suas inquietações na amizade com outra mãe de surdo e posteriormente na comunidade surda. As percepções de Jenny mudam quando ela conhece

[...] uma família de surdos que se comunicava por meio de sinais. Era, enfim, a porta de entrada para o universo dos surdos de que tanto necessitavam filho e mãe. Por causa da interação com essa família, Jonas e a Sr.^a Corelli começaram a entender o funcionamento da Língua de Sinais e a aprender mais sobre a cultura surda (Pereira; Cândido; Santos, 2020, p. 6).

A comunicação entre mãe e filho surdo é uma das principais dificuldades enfrentadas e diante dessa sensação de solidão (o pai abandona a família), impotência e desconhecimento, só existem dois caminhos para a personagem (e na realidade para maioria dos pais): desistir ou persistir. Ela decide persistir, e assim busca informação para aprender e conhecer a surdez com outra mãe de surdo, na biblioteca e com outros surdos.

“Qualquer indivíduo pode aprender buscando, estudando, com seu esforço individual, mas a aprendizagem se completa apenas com o compartilhamento e a troca, que somente é possível de forma coletiva” (Satur; Silva, 2020, p. 06). Isso pode ocorrer com os pais de pessoas surdas ao aprender e compartilhar informação com outros pais e com pessoas surdas. Para Rodrigues e Pires (2002, p. 396-397) “O apoio de terceiros (outros pais, outros surdos, técnicos) é também muito importante [...] e é mais um recurso



que os ajuda na minimização da surdez e das dificuldades de comunicação”. Vale destacar que “Entre indivíduos, o compartilhamento é um processo que permite a uma pessoa transformar o conhecimento para que possa ser entendido, absorvido e utilizado por outros atores” (Alcará *et al.*, 2009, p. 172). Nessa interação com os outros sujeitos, pode ocorrer a multiplicação da competência em informação.

Bittencourt *et al.* (2011, p. 773) evidenciaram que “[...] o contato com outros pais que vivenciam situações semelhantes tem servido como uma das fontes de apoio para minimizar as dificuldades da chegada de um membro surdo na família.” Podemos inferir que outros pais além de serem fontes de apoio e acolhimento, constituem uma fonte de informação a partir de suas experiências reais e pessoais. Em complemento, Rodrigues e Pires (2002, p. 397) defendem que a partilha de experiências é satisfatória “[...] tanto pelos pais que ajudam outros pais como pelos pais que recebem este apoio. Esta partilha de experiências com outros pais facilita a tarefa de minimização da surdez e das dificuldades de comunicação e contribui para uma maior aceitação da surdez [...]”.

Conjecturamos que pais motivados tendem a superar sentimentos de impotência e incapacidade, buscando tornar-se cada vez melhores e motivando outros pais. Inclusive, de acordo com Alcará *et al.* (2009), a motivação é um dos elementos que influenciam o compartilhamento da informação e por consequência, na multiplicação de habilidades que eles possuem para competência em informação que segundo Spudeit *et al.* (2017, p. 887) “[...] é necessária para desenvolver nas pessoas conhecimentos e habilidades no que tange o entendimento da informação, sua busca, acesso, avaliação e uso”.

Além de buscar apoio nos familiares de surdos, os pais também “[...] recorrem aos profissionais para obterem informação na qual baseiam as suas decisões, podendo a intervenção ser [afetada] pela falta de sensibilidade e conhecimento da parte dos técnicos” (Rodrigues; Pires, 2002, p. 389). É comum os familiares não se sentirem acolhidos e receberem informações incompletas e inconsistentes dos profissionais da saúde quando eles não têm conhecimento amplo e geral das questões sociais e educacionais da surdez. O ideal seria oportunizar aos pais o contato com uma equipe multidisciplinar composta por psicólogos, terapeutas, assistentes sociais, bibliotecários, professores entre outros.



Nesse sentido, o bibliotecário precisa desenvolver ações para formação e desenvolvimento das habilidades informacionais da competência em informação com os pais de surdos. Isso pode ser realizado em diversos ambientes como por exemplo nas escolas e instituições especializadas, igrejas e bibliotecas, ofertando eventos, palestras, oficinas, capacitações, cursos, encontros com profissionais, estabelecendo parcerias com a comunidade surda, com objetivo de formar habilidades, compartilhar e multiplicar informação e conhecimento sobre a surdez.

Acreditamos que a competência em informação pode contribuir com os pais por ser um processo que abrange “[...] um conjunto de competências relacionadas aos processos de busca, avaliação, uso e comunicação da informação [...] visando que os indivíduos desenvolvam conhecimentos (saber ser), habilidades (saber fazer) e atitudes (saber agir) no que tange ao universo informacional” (Mata, 2018, p. 59).

Destacamos que a busca e o uso da informação exigem a formação e o desenvolvimento de determinadas habilidades da competência em informação. Para Ishikawa e Belluzzo (2013, p. 153) as habilidades informacionais ou “[...] habilidades em informação são fatores determinantes na aprendizagem ao longo da vida e o primeiro passo na consecução das metas educacionais de qualquer aprendiz”. No entender de Dudziak (2003, p. 28) a competência em informação é “[...] o processo contínuo de internalização de fundamentos conceituais, atitudinais e de habilidades necessário à compreensão e interação permanente com o universo informacional e sua dinâmica, de modo a proporcionar um aprendizado ao longo da vida” e em geral, resultando no desenvolvimento humano.

Quanto à busca, Gasque (2011, p. 23) evidencia as “[...] buscas ativa ou passiva da informação, o planejamento, as estratégias e a motivação para atingir objetivos. Mais que isso, requer a monitoração de estratégias, o conhecimento e a definição de canais ou fontes de informação potenciais [...]” e para tal, segundo a autora são requeridas habilidades para lidar com as tecnologias da informação, assim como a avaliação de todo o processo. Assim sendo, tais ações podem compor as etapas de aprendizagem dos pais de surdos e podem ser entendidas como parte do processo da competência em informação.



É válido salientar que a busca e o uso da informação “[...] são processos que abrangem também valores pessoais, motivações, crenças, visão crítica e atitudes como responsabilidade e ética” (Gasque, 2011, p. 24). Relativo a esses processos, temos que enfatizar que aspectos afetivos, psicológicos, sociais, econômicos, históricos e culturais estão imbricados e refletem as práticas informacionais cotidianas dos pais de surdos, assim como refletem dificuldades no uso de fontes e no saber compartilhar a informação em diferentes meios.

Os pais de surdos precisam continuamente se sentir motivados e pertencentes, a fim de não desistirem de seu propósito que é aprender sobre a surdez e desenvolver as habilidades informacionais para lidar com a informação que lhes dê condições para continuar aprendendo ao longo da vida. Em relação ao uso da informação, as competências “[...] incluem atividades em que o indivíduo se engaja para apreender a informação e transformá-la em conhecimento” (Gasque, 2011, p. 23). Entendemos assim, que desenvolver as habilidades da competência em informação é imprescindível, pois faz com que os pais saibam lidar com a informação, e com efeito, saber acolher o filho surdo, distanciando-se de sentimentos negativos e da indiferença no próprio ambiente familiar.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa se caracterizou como exploratória e descritiva, de abordagem qualitativa. Foi desenvolvida a partir de uma pesquisa de campo, cujo instrumento de coleta de dados foi o questionário, contendo questões fechadas e em alguns momentos complementadas com questões abertas. Nesse sentido, especificamente para este artigo, buscamos investigar as habilidades e fontes de informação utilizadas pelos pais de surdos e verificar o modo como usam e compartilham a informação, além de identificar quais dificuldades eles encontram neste processo. Vale destacar que as questões do questionário foram elaboradas tomando como base os objetivos específicos da pesquisa.

Optamos por um estudo de campo, com duas comunidades de pais que têm filhos frequentando instituições na região norte do estado do Paraná (BR) que dispõem de atendimento especializado aos surdos. Assim sendo, o universo desta pesquisa foi composto por duas instituições, aqui denominadas como instituição 1 e instituição 2 e foram participantes da pesquisa 34 pais. Inicialmente foi realizado pré-teste, e antes de



responder o questionário os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que foi avaliado juntamente com os demais documentos do estudo pelo Comitê de Ética em Pesquisa.

As questões foram coletadas por meio de autoavaliação dos pais de surdos. Em tais tipos de questões se requer dos sujeitos a capacidade de avaliar a si próprio. A literatura evidencia que há uma tendência do participante se autoavaliar positivamente. Portanto, existem limitações neste tipo de questionamento.

Quanto à estratégia de análise dos dados, foi feita uma descrição e análise conjunta dos dados quantitativos e qualitativos, sendo que os dados provenientes das questões fechadas foram organizados, tabulados, representados em tabelas e analisados com base na literatura científica. Para as questões abertas, os dados foram organizados a partir das categorias de temas e também interpretados tendo a literatura científica como aporte.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

No item do instrumento que avaliava as **fontes de informação** utilizadas pelos participantes, além das opções listadas, eles deveriam indicar o grau de importância: muito importante, importante, pouco importante ou nada importante. Os resultados obtidos estão apresentados na Tabela 1. É preciso ressaltar que para algumas alternativas não houve respostas, por isso o percentual total não atingiu 100%.

Tabela 1 - Fontes de informação utilizadas para busca de informações sobre a surdez

Alternativas	INSTITUIÇÃO 1								INSTITUIÇÃO 2							
	Muito importante		Importante		Pouco importante		Nada importante		Muito importante		Importante		Pouco importante		Nada importante	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Revistas	3	15,7	-	-	6	31,5	1	5,2	2	13,3	1	6,6	2	13,3	2	13,3
Jornais	2	10,5	2	10,5	4	21	2	10,5	-	-	2	13,3	1	6,6	3	20
amigos/ colegas	6	31,5	5	26,3	1	5,2	-	-	3	20	3	20	2	13,3	-	-
outros pais de surdos	6	31,5	3	15,7	1	5,2	-	-	5	33,3	4	26,6	-	-	-	-
Famílias	8	42,1	2	10,5	1	5,2	-	-	2	13,3	3	20	-	-	2	13,3
internet em sites como o Google	6	31,5	3	15,7	1	5,2	-	-	4	26,6	4	26,6	1	6,6	-	-
Internet/ sites especializados sobre a surdez	5	26,3	2	10,5	1	5,2	-	-	6	40	2	13,3	1	6,6	-	-

Internet: <i>YouTube</i> <i>Facebook, Blogs</i>	4	21,0	2	10,5	1	5,2	1	5,2	4	26,6	3	20	-	-	1	6,6
Posto de saúde (médico, enfermei ras)	9	47,3	2	10,5	-	-	1	5,2	3	20	1	6,66	1	6,6	2	13,3
médicos (consulta particular)	6	31,5	2	10,5	1	5,2	-	-	2	13,3	3	20	1	6,6	1	6,6
Institui ções 1 e 2	13	68,4	3	15,7	-	-	-	-	10	66,6	2	13,3	-	-	-	-

Fonte: Dados da pesquisa (2020).

De acordo com os dados da Tabela 1, podemos visualizar que as próprias instituições em que os filhos surdos estudam se configuram na principal fonte de informação utilizada por mais da metade dos pais. Na sequência, especificamente para os pais da instituição 1, os médicos e enfermeiros do posto de saúde, seguido pelos familiares aparecem como fontes de informação muito importantes, assim como os sites especializados sobre a surdez para os pais da instituição 2 (aproximadamente 40% dos pais). Seguindo para as demais fontes e recursos informacionais disponíveis na internet, embora com percentual mais baixo, o *Google*, *YouTube*, *Facebook* e *Blogs* obtiveram resultados semelhantes para os pais das duas instituições.

Atualmente a internet representa uma fonte de informação com mais possibilidades de encontrar diferentes tipos de informação, desde artigos científicos, vídeos, *blogs*, grupos, entre outros. Por meio de sites especializados os pais poderiam aprofundar seus conhecimentos e assim ajudar outros pais, sanando suas necessidades de informação e dificuldades em relação à surdez com a oportunidade de visualizar o depoimento de surdos, especialistas ou outros pais.

Merecem destaque também as pessoas enquanto fontes de informação, como é o caso de outros pais de surdos e familiares, que foram indicadas como muito importantes para em média 30% dos pais. A esse respeito, Rodrigues e Pires (2002, p. 397) constataram que “A partilha de experiências com outros pais de crianças surdas foi um grande apoio e ajuda tanto a nível da divulgação de melhores apoios e recursos para as crianças surdas como a nível emocional”.

Retomando o resultado sobre as instituições que os filhos frequentam, notamos que a importância de ambas as instituições como fonte de informação é reconhecida pelos participantes, indicando que eles confiam e recorrem a elas quando precisam de



informações e outros aspectos concernentes à surdez. Ao complementarem suas respostas, alguns participantes destacaram: a instituição 1 e a Associação de Pais e Amigos dos Surdos de seu município, assim como Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) como fontes para a busca de informações.

Em contrapartida, alguns resultados foram diferentes entre as duas instituições. Na instituição 1, ao analisarmos a fonte “amigos e colegas”, seis participantes (acima de 31%) a indicaram como muito importante, já na instituição 2, três pais (20%) selecionaram esta opção. Se por um lado, há maior percentual de pais da instituição 1 que reconhece a importância dos amigos e colegas para compartilhar suas experiências facilitando o momento de lidar com os desafios, ao encontrar o apoio necessário ao seu redor, por outro, o resultado dos pais da instituição 2 indica que eles de certo modo podem estar vivenciando uma exclusão em seu meio, encontrando dificuldade de dialogar sobre a surdez com amigos e colegas.

Outros resultados que diferiram foram as fontes: posto de saúde (médicos, enfermeiras) indicado como muito importante para nove participantes (acima de 47%) da instituição 1 e apenas três (20%) da instituição 2 e médicos (consulta particular), sendo seis participantes (acima de 31%) da instituição 1 e apenas 2 (mais de 13%) participantes da instituição 2. Esses dados evidenciam as dificuldades para lidar com este tipo de fonte, já que em alguns casos os próprios profissionais não compartilham determinadas informações com os pais.

Em relação a isso, vale ressaltar que os profissionais da saúde poderiam se apropriar de mais informações sobre a surdez porque muitas famílias depositam neles suas esperanças e expectativas, sendo a primeira fonte de informação para muitos pais, conforme mencionaram algumas das participantes: *“Descobri a surdez da minha filha quando ela tinha 6 anos. Aí fui procurar um médico para saber mais sobre a deficiência. Então depois fui procurar a escola para ela aprender Libras”*; *“[...] tudo que os médicos mandavam eu fazia”*. A esse respeito, Hoffmeister (2009, p. 114) explica que *“[...] Os profissionais da audiologia tendem a ser a única fonte de informações para os pais nos estágios iniciais”*.

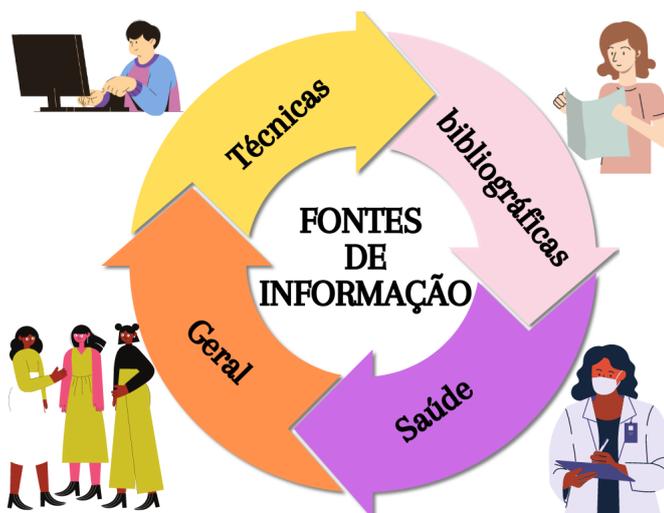
Mas nem sempre médicos/otorrinolaringologistas e enfermeiros conseguem informar ou orientar os familiares e os surdos, ao que acrescentou uma das mães:



“Médicos e enfermeiros [...] não sabem conversar com os surdos.” E raramente profissionais surdos conhecem pais de surdos e trocam informações (Hoffmeister, 2009) e experiências.

Além disso, outras situações que podem ocorrer, como a disseminação de informações que por serem contraditórias, acabam deixando os pais mais confusos, no momento de suas decisões, tal como ressaltou outra participante: “No SUS as informações se contradizem, enquanto alguns defendem o direito do surdo em usar Libras, outros não aceitam, enquanto alguns indicam o Implante Coclear, outros não aceitam.” O ideal seria que os pais fossem encaminhados para instituições especializadas e que recebessem informações complementares para poder fazer suas escolhas de modo reflexivo e consciente. Na Figura 1 a seguir apresentamos os tipos de fontes de informação utilizados pelos participantes desta pesquisa.

Figura 1 - Tipologias de fontes de informação no contexto dos pais de surdos



Fonte: Elaborado pelas autoras com base nos resultados da pesquisa (2020).

Descrição da imagem: Ciclo de texto composto por quatro setas sequenciais. No círculo central, encontram-se as palavras fontes de informação, em caixa alta na cor preta. Na seta amarela encontra-se a palavra técnica, na cor preta, seguida de uma figura de um homem digitando no computador. Na seta rosa encontra-se a palavra bibliográficas, na cor preta, seguida da figura de uma mulher lendo. Na seta lilás encontra-se a palavra saúde, na cor preta, seguida de uma figura que representa uma profissional da saúde. Na seta laranja encontra-se a palavra geral, na cor preta, seguida da representação de três mulheres.

Com base nos dados, foi possível classificar as fontes de informação em: técnicas, bibliográficas, geral e da saúde. Recursos técnicos, tecnológicos e bibliográficos fornecem diferentes tipos de informação, assim também as pessoas se configuram como fontes “vivas” no caso de profissionais da saúde e do grupo de pais. Vale pontuar que a

informação para saúde e tratamentos está no escopo da competência em informação para saúde e serviços (Declaração de Alexandria, 2005; Dudziak, 2008), configurando-se como um direito dos surdos e da família de ter acesso às informações sobre a surdez. Acreditamos que desde o diagnóstico os pais deveriam receber informações sobre as instituições especializadas na área da surdez de seu município, de modo que se sentissem motivados a buscar outras informações que impulsionem sua aprendizagem.

Para acrescentar mais dados sobre o uso da informação e das fontes de informação, havia uma questão para a verificar as **habilidades informacionais** que os pais acreditam ter, em que apresentamos as seguintes opções: saber localizar/encontrar e usar a informação, saber discernir se a informação é falsa ou verdadeira, saber acessar e compartilhar a informação, compreender e relacionar as informações e usar a informação para auxiliar e para participar da vida dos filhos surdos. Vale lembrar que os participantes poderiam marcar mais de uma opção dentre as quais acreditavam possuir.

Em ambas as instituições destacamos que a maioria dos participantes marcou as opções “saber usar a informação para participar da vida do filho surdo” e “saber usar a informação para auxiliar o filho surdo”, ao que complementou uma das participantes: *“Procuro sempre informar meu filho tudo de novo que surge”*. De fato, é importante e necessário que os pais formem e informem os filhos surdos, atualizando-os com o mundo.

Como explicou outra participante: *“Posso dizer que eu e meu filho somos amigos. No dia a dia conversamos sobre um pouco de tudo. Quando ele tem dúvidas de alguma coisa, busco conhecimento, pesquiso o assunto, daí sentamos e conversamos. Procuro ajudar no que for de suma importância na vida dele”*. Esta postura demonstra que a participante possui motivação para aprender, ao “[...] dar sentido às informações que uma atividade comunica, [...] coligar estas informações aos conhecimentos prévios e [...] dominar as habilidades que a atividade desenvolve” (Souza, 2011, p. 91). Tais ações são condizentes ao indivíduo competente em informação, que diante de uma necessidade informacional, busca, avalia, se apropria, ensina, compartilha e também produz informação.

Na sequência, outras habilidades foram assinaladas, porém em menor percentual (menos de 50%) em ambas as instituições, como por exemplo, “compreender e relacionar uma informação com outras informações quando necessário”; “saber localizar/encontrar e usar uma informação quando precisam”; “saber acessar e compartilhar uma



informação”. Além desses dados, vale também destacar a baixa incidência na opção se “conseguem discernir quando uma informação é falsa ou verdadeira, relevante ou irrelevante”, que foi indicada por poucos pais como uma habilidade que dominam (aproximadamente 15%).

Os dados referentes às ações relativas à identificação de informações falsas são preocupantes, isso porque em ambas as instituições essa opção foi assinalada por poucos pais (três da instituição 1 e dois da instituição 2). A esse respeito, Belluzzo, Kobayashi e Feres (2004, p. 89-90) explicam que “Devido à grande disponibilidade de informações nos mais variados formatos é necessário distinguir fontes de informação confiáveis e de qualidade, detectar informações tendenciosas, ambigüidades, inconsistências”. Por isso é importante que os pais saibam avaliar e selecionar fontes de qualidade para evitar informações falsas.

Complementar a isso, havia uma questão que analisava os **critérios utilizados pelos participantes para avaliar as fontes de informação**, sendo que poderiam marcar mais de uma opção entre: atualidade; confiança; indicação de outros pais; indicação da escola; busco outros materiais para comprovar e comparar as informações obtidas. Os maiores índices foram para a opção “indicação da escola” (47% instituição 1; 73% instituição 2). Os critérios “confiança” e “atualidade” sendo indicados por um pouco mais que 30% dos pais das duas instituições.

Em ambas as instituições, uma minoria (pouco mais de 26%) considera a indicação de outros pais e somente três pais da instituição 1 e cinco da instituição 2 buscam outros materiais para comprovar e comparar as informações obtidas. É possível notar que apenas cinco buscam a indicação de outros pais e outras fontes que comprovem as informações obtidas. A busca por outras fontes de informação e a indicação de outros pais poderiam atuar como um critério de avaliação das fontes significativo ao compartilhar conhecimentos entre si, partindo de suas experiências, dificuldades ou facilidades encontradas ao longo da vida de seus filhos surdos.

Buscamos ainda, averiguar o modo como os participantes **usam e compartilham a informação e se encontram dificuldades neste processo**. Para tal, questionamos se no decorrer da vida dos filhos foi difícil encontrar informações sobre a surdez, sendo que



na instituição 1, 58% marcaram que sim e 42 % assinalaram não. Difere da instituição 2 em que 33% marcaram sim e 67% assinalaram a opção não.

Ao analisarmos esses resultados, percebemos que para a maioria dos participantes da instituição 1 foi difícil encontrar informações sobre a surdez, por sua vez, na instituição 2 a minoria encontrou dificuldades. Uma justificativa para esse dado se deve ao fato de que a instituição 2 atua tanto na área da saúde auditiva quanto da educação, e isso pode ser uma facilidade para os pais que encontram o apoio necessário no mesmo ambiente. Para complementar esta questão, elencamos algumas dificuldades em que os pais deveriam marcar a frequência em que ocorreram.

Nesse item os resultados diferiram entre as duas instituições. As maiores frequências para mais de 30% dos pais da instituição 1 ocorreram em relação às seguintes dificuldades: “dificuldade para saber que tipo de informação é necessária”; “dificuldade para selecionar informações relevantes” e “dificuldade para receber orientações dos médicos”. Em relação a esta última opção vale destacar que muitos pais consideram os médicos como principal fonte de informações, embora no caso de uma participante: “*Os médicos eram claros*” de modo que em sua percepção encontrou facilidade no diálogo com estes profissionais e com outra instituição que atendeu seu filho.

Na sequência, um pouco mais de 20% dos pais da instituição 1 indicaram dificuldades como: “dificuldade para realizar pesquisas na internet”; “dificuldade para conversar com outros pais” e “dificuldade na compreensão das informações sobre a surdez”. Quanto à opção “Dificuldade para realizar pesquisas na internet”, uma participante ressaltou que na época “*Não existia internet*”. Ainda assim é um resultado que exprime a dificuldade de localizar informações sobre a surdez na internet. Já em relação à “Dificuldade para conversar com outros pais”, podemos afirmar que se comparados à instituição 2, os participantes da instituição 1 tem mais dificuldade no diálogo com outros pais.

Na opção para complementar sua resposta, uma participante destacou a importância de outra instituição que na época atendeu seu filho: “*O nosso caminho era e sempre foi o (instituto). Lá sempre tivemos tudo o que precisávamos aprender sobre os surdos*”. Inferimos que para além das instituições especializadas, as bibliotecas poderiam



propiciar momentos de encontros entre os pais, criando uma rede de colaboração, apoio e compartilhamento de informação e conhecimento sobre a surdez.

Na opção “Dificuldade para selecionar informações relevantes”, mais de 36% dos participantes da instituição 1 marcaram com frequência. Este resultado indica que um número significativo de pais se veem perdidos diante de tantas informações disponíveis, encontrando dificuldades no momento de selecionar aquelas que realmente precisam. Já no caso da instituição 2, apenas dois pais indicaram que frequentemente tem “dificuldade na compreensão das informações sobre a surdez”. Apenas um participante indicou que teve dificuldade para receber orientações dos médicos com frequência. Como dito, isso pode ser explicado pelo fato de que a instituição 2 também atua na área da saúde. Mas o ideal seria que os pais encontrassem facilidades com os profissionais da saúde para conseguir lidar com as emoções do diagnóstico, sentir-se motivados e assim terem condições de buscar mais informações.

Na opção “Dificuldade para selecionar informações relevantes”, nenhum participante da instituição 2 selecionou com frequência. Vale salientar que esta é uma etapa importante que conduz o indivíduo à informação que realmente necessita. Quanto à opção “Dificuldade na compreensão das informações sobre a surdez”, os resultados foram similares em ambas as instituições. Considerando que a compreensão está estreitamente vinculada à apropriação, é significativo o fato de que os pais têm dificuldades neste momento que podem interromper o uso da informação, isto é, as “[...] atividades que realiza o indivíduo para captar a informação e transformá-la em conhecimento [...]” (Varela; Barbosa, 2012, p. 156).

Em relação à “Dificuldade para saber que tipo de informação é necessária”, na instituição 1, mais de 36% marcaram com frequência indicando que os pais têm dificuldade de reconhecer suas próprias necessidades de informação. Já na instituição 2, apenas um participante selecionou a opção com frequência. Segundo Miranda (2006, p. 102) a necessidade de informação “[...] nasce de um impulso de ordem cognitiva, conduzido pela existência de um dado contexto (um problema a resolver, um objetivo a atingir) e pela constatação de um estado de conhecimento insuficiente ou inadequado”. Assim sendo, a necessidade de informação é uma dentre as principais etapas da competência em informação, pois como explicam Ottonicar, Valentim e Feres (2016, p.



126) um indivíduo competente em informação “[...] primeiramente deve ser capaz de diagnosticar suas próprias necessidades informacionais, saber o que, como e onde buscar as informações que podem atender as necessidades anteriormente percebidas [...]”.

Outras dificuldades elencadas direta e indiretamente vinculadas à informação foram: “*Buscar informações da saúde pública, que não tinha recursos, como aparelhos auditivos e auxiliar os pais para ir no SUS*”; “*Dificuldade para (o filho surdo) arrumar emprego*”; dificuldade de comunicação: “*acho que é complicado a comunicação com o surdo*”; dificuldade de inclusão: “*Sou mãe de surdo e autista e a dificuldade que ainda encontro é a inclusão e o planejamento adaptado para meu filho*” e dificuldades dos próprios filhos: “*Só quem lida com surdo sabe da dificuldade que eles têm para lidar com os ouvintes tirando as vezes o bullying isso não afeta pois eles se conformam*”.

Tais dificuldades evidenciam diferentes realidades dos pais, dentre as quais a ausência de orientações para lidar com os recursos da saúde pública, dificuldades na inserção ao mercado de trabalho, dificuldade em relação à Língua de Sinais e inclusão nas escolas regulares e *bullying*. Em relação a este último resultado embora a participante associe-o ao conformismo, Ernsen (2016, p. 35-36) explica que “É provável que consequências como depressão, ansiedade, nervosismo, sejam ainda mais elevadas e graves em indivíduos surdos vítimas de *bullying*, por conta do isolamento escolar e das várias formas de manifestação do preconceito a que estão submetidos”. Em vista dessas dificuldades, acreditamos que receber informação sobre esses diferentes aspectos poderia auxiliar os pais a superarem desafios, para saber o que fazer e como agir seja no contexto da saúde, mercado de trabalho, comunicação, educação ou *bullying*.

Na questão que avaliava o **compartilhamento de informação**, os participantes deveriam escolher entre as opções: reuniões de pais na escola, conversando com outros pais, *Facebook*, *Whatsapp*, *Instagram*, sendo que poderiam marcar mais de uma ou citar outras. Na instituição 1 os maiores índices foram: reuniões de pais na escola (63%), conversando com outros pais (mais de 26%) e *Whatsapp* (mais de 15%). Igualmente na instituição 2, os maiores resultados foram reuniões de pais na escola (acima de 53%), conversando com outros pais para mais de 46% dos participantes. Houve destaque também para o *Facebook* (40%) e *Whatsapp* (mais de 33%), sendo que um participante mencionou o *Instagram*.



No entender de Alcará *et al.* (2009, p. 172) “Compartilhar não implica ceder a posse do conhecimento, e sim usufruir dele juntamente com os pares”. Nesse aspecto, as reuniões e o diálogo com outros pais são possibilidades que eles têm para multiplicar informações e experiências, fortalecer vínculos e aproximar-se, o que pode levá-los à sanar sua necessidade de pertencimento como grupo de pais de surdos.

Vale salientar que o *Whatsapp* e *Facebook* podem facilitar e auxiliar os pais em momentos de dúvida, na relação com a escola, amigos e na própria família. Ao complementarem suas respostas, uma participante citou a plataforma *Google* e outra mencionou que compartilha informações: “*Na própria casa*”. Isso evidencia que além de consumir a informação, ela está compartilhando e fazendo com que os demais familiares se apropriem do conhecimento obtido.

Podemos notar que na instituição 2, houve um maior número de pais que conversam com outros pais, utilizam o *Facebook*, o *Whatsapp* e o *Instagram*. Acreditamos que estas plataformas podem facilitar o dia a dia dos participantes no convívio com outros pais. Na oportunidade de elencar outros, dois participantes salientaram que compartilham informações: “*Nas aulas na faculdade*” e na plataforma de compartilhamento de vídeos “*YouTube*”. Assim, percebemos que a multiplicação de informações pode ser realizada em diferentes ambientes, escolar, domiciliar, presencial ou virtual, fazendo com que diferentes pessoas tenham acesso à elas.

Tendo em vista o potencial das plataformas infocomunicacionais (Reis, 2015), questionamos se os pais participam de grupos com temas sobre surdez/educação de surdos nas redes sociais, que inclusive são utilizadas como meio de comunicação entre pais e filhos surdos, como menciona esta participante: “[...] *vamos nos comunicando através de redes sociais, amigos e escolas*”. Os resultados foram similares nas duas instituições: mais de 63% marcaram a opção não e mais de 36% assinalaram a opção sim (instituição 1). Igualmente na instituição 2, 60% marcaram a opção não, e acima de 26% assinalaram sim. Esses dados somados aos da questão anterior revelam que essa amostra de pais ainda não faz uso regular das mídias sociais e plataformas de compartilhamento.

Podemos inferir que para os pais, os grupos nas redes sociais poderiam ampliar suas possibilidades de “[...] adquirir, compartilhar conhecimento e lutar por inclusão social [além] de pleitear direitos e minimizar [a] carência de informação” (Lima, 2018, p.



28). Nesse sentido, os grupos das redes sociais representam um valioso recurso para consumir e produzir informações.

No Quadro 1 apresentamos uma síntese das fontes de informação associadas às habilidades informacionais técnicas, atitudinais e cognitivas necessárias para lidar com cada uma delas. Para as fontes de informação técnicas que abrangem a Internet (Google, sites especializados sobre a surdez e *YouTube, Facebook e Blogs*) são requeridas habilidades técnicas para lidar com tais recursos tecnológicos. Em relação às fontes de informação bibliográficas (revistas e jornais) e da saúde (posto de saúde: médico, enfermeiras e médicos: consulta particular) os pais precisam desenvolver as habilidades cognitivas que lhes permita articular e interpretar as informações recebidas e para as fontes de informação de âmbito geral (amigos/colegas, outros pais de surdos, familiares e instituições especializadas na área da surdez), é necessário o desenvolvimento de habilidades atitudinais. Por lidar com a informação no âmbito de questões mais práticas e de experiência (vivências reais), estas últimas envolveriam questões comunicacionais, sociais e emocionais (Coneglian *et al.*, 2021).

Quadro 1 - Fontes de informação e as habilidades informacionais da competência em informação

FONTES DE INFORMAÇÃO PARA OS PAIS DE SURDOS			
Técnicas	Bibliográficas	Saúde	Geral
Internet (<i>Google</i>) Internet (<i>Sites</i> especializados sobre a surdez) Internet (<i>YouTube, Facebook e Blogs</i>)	Revistas Jornais	Posto de saúde (médico, enfermeiras) Médicos (consulta particular)	Amigos/colegas Outros pais de surdos Familiares Instituições especializadas na área da surdez
Habilidades técnicas	Habilidades cognitivas		Habilidades atitudinais
HABILIDADES INFORMACIONAIS DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO			

Fonte: Elaborado pelas autoras com base nos resultados da pesquisa (2020).

Diante das diversas fontes e recursos de informação indicados, das habilidades que em alguns casos ainda são parcialmente desenvolvidas e das dificuldades, podemos visualizar a relevância de se promover diferentes tipos de habilidades para que de fato a competência em informação possa contribuir para a aprendizagem e sentimento de pertencimento dos pais na comunidade surda e na sociedade. Cabe pontuar que os pais de surdos compõem um grupo em situação de vulnerabilidade que merece ser valorizado



e reconhecido pela sociedade. Neste aspecto, refletimos que os bibliotecários têm um papel de suma importância quando atuam em equipes multidisciplinares e propõem ações nas bibliotecas com o objetivo de “atrair” tanto o público surdo quanto seus familiares.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os objetivos delineados para este estudo foram atingidos. Constatou-se que o grupo de pais de surdos pode se configurar como fonte de compartilhamento, multiplicação de informação e de conhecimento. Além disso, constatamos que os pais usam a informação para auxiliar o filho surdo e participar de suas vidas. Isso requer o desenvolvimento de habilidades informacionais da competência em informação (que podem ser habilidades técnicas, cognitivas e atitudinais. Este processo inclui a busca, avaliação, apropriação, ensino, aprendizagem, motivação para continuar aprendendo e compartilhamento da informação para sanar suas próprias necessidades de informação e as demandas dos filhos surdos.

Salientamos que os pais podem buscar variadas fontes com intuito de comprovar e comparar as informações obtidas. Tal postura beneficia a competência em informação, especialmente no que concerne ao uso de habilidades e experiências anteriores e da criatividade quando se quer multiplicar o conhecimento ou criar novas informações.

Ter dificuldades no momento da busca por informações na internet, pode fazer com que os pais não encontrem aquilo que de fato necessitam nas tipologias de fontes de informação existentes sobre a surdez, que incluem desde artigos científicos, vídeos, grupos de pais nas redes sociais, entre outros. Vale destacar que nos grupos “digitais”, os pais podem compartilhar informações e experiências, somar forças, fortalecer os vínculos e o sentimento de pertencimento ao grupo de pais de surdos. Além disso, com tais plataformas eles podem ter contato com especialistas, conhecer a história de vida de outros pais, de outros surdos, e compartilhar suas próprias experiências, produzindo conteúdos em canais do *YouTube*, por exemplo.

A dificuldade na compreensão das informações sobre a surdez, interfere na apropriação e uso da informação. Se os pais não compreendem as informações, o conhecimento sobre a surdez não se amplia, ao contrário permanecem as dúvidas e



incertezas. Ainda assim, os pais de surdos têm diferentes habilidades que constituem a competência em informação e motivação para aprendizagem, seja de modo autônomo ou com o apoio das instituições ou de outros pais, como aprender sobre a Língua de Sinais e sobre a surdez, conhecer e lutar pelos direitos dos surdos, ensinar e auxiliar os filhos, utilizar as redes sociais para compartilhar informações, ou seja, eles aprendem a lidar com a informação para que possam aprender a lidar com a surdez.

Portanto, ao desenvolverem as habilidades informacionais da competência em informação os pais de surdos passam a compreender e lidar com as informações e com a surdez de forma mais reflexiva e consciente, sentindo-se pertencentes e tornando-se agentes multiplicadores do conhecimento, ao aprender, compartilhar e produzir informações, a fim de que possam enfrentar desafios e dificuldades.

REFERÊNCIAS

ALCARÁ, Adriana Rosecler; DI CHIARA, Ivone Guerreiro; RODRIGUES, Jorge Luis; TOMAÉL, Maria Inês; PIEDADE, Valéria Cristina Heckler. Fatores que influenciam o compartilhamento da informação e do conhecimento. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 14, n. 1, jan./abr. 2009. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/pci/a/VJCMFJ6VVZ378jGH7mxVnXS/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 11 jan. 2024.

BELLUZZO, Regina Célia Baptista; KOBAYASHI, Maria do Carmo Monteiro; FERES, Glória Georges. Information literacy: um indicador de competência para a formação permanente de professores na sociedade do conhecimento. **Educação Temática Digital**, Campinas, v. 6, n. 1, p. 81-99, dez. 2004. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/1004/1019>. Acesso em: 11 jan. 2024.

BITTENCOURT, Zélia Zilda Lourenço de Camargo; FRANÇOZO, Maria de Fátima de Campos; MONTEIRO, Claudia Rodrigues; FRANCISCO, Débora Duarte. Surdez, redes sociais e proteção social. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 16, p. 769-796, 2011. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/csc/a/DZXCWCv8Nyr4vZfgYjrfcCs/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 11 jan. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Diretrizes de Atenção da Triagem Auditiva Neonatal**. Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas e Departamento de Atenção Especializada. Brasília: Ministério da Saúde, 2012. 32 p. Disponível em:

https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_atencao_triagem_auditiva_neonatal.pdf. Acesso em: 11 jan. 2024.

CONEGLIAN, André Luís Onório; PEREIRA, Ana Paula; SECO, Layara Feifer Calixto; ALCARÁ, Adriana Rosecler; BORTOLIN, Sueli. Os usuários da informação cegos, surdos e surdocegos nas bibliotecas. In: CASARIN, Helen de Castro Silva (org.). **Usuários da Informação e Diversidade**.



1. ed. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2021. 250 p. p. 113-145. *E-book*. Disponível em: https://ebooks.marilia.unesp.br/index.php/lab_editorial/catalog/view/275/2897/5007. Acesso em: 11 jan. 2024.

DECLARAÇÃO DE ALEXANDRIA SOBRE COMPETÊNCIA INFORMACIONAL E APRENDIZADO AO LONGO DA VIDA. **Os Faróis da Sociedade de Informação** (Beacons of the Information Society), Alexandria, 2005. Disponível em: <https://repository.ifla.org/bitstream/123456789/3154/1/alexandria-proclamation-on-libraries-the-information-society-in-action-pt.pdf>. Acesso em: 11 jan. 2024.

DUDZIAK, Elisabeth Adriana. Information literacy: princípios, filosofia e prática. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 32, n. 1, p. 23-35, jan./abr. 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ci/a/xDBTqDKvmcsvMnmwLWprjmG/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 11 jan. 2024.

DUDZIAK, Elisabeth Adriana. Os faróis da sociedade de informação: uma análise crítica sobre a situação da competência em informação no Brasil. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 18, n. 2, p. 41-53, maio/ago. 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/1704/2109>. Acesso em: 11 jan. 2024.

E SEU nome é Jonas. Direção: Richard Michaels. Orion Pictures Corporation, 1979. (100 min), color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pc8mM0DHRB4&t=5s>. Acesso em: 11 jan. 2024.

ERNSEN, Bruno Pierin. **Bullying e surdez no contexto escolar**. 2016. 111 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/xmlui/bitstream/handle/1884/44961/R%20-%20D%20-%20BRUNO%20PIERIN%20ERNSEN.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 11 jan. 2024.

FEHER-PROUT, Terri. Stress and coping in families with deaf children. **Journal of Deaf Studies and Deaf Education**, [S. l.], v. 1, i. 3, p. 155-166, Jul. 1996.

GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias. Pesquisas na pós-graduação: o uso do pensamento reflexivo no letramento informacional. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 40 n. 1, p. 22-37, jan./abr. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ci/a/cpPFGvv3wRmtJGwDMnBnW4F/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 11 jan. 2024.

HOFFMEISTER, Robert J. Famílias, crianças surdas, o mundo dos surdos e os profissionais da audiologia. In: SKLIAR, Carlos (org.). **Atualidade da Educação Bilíngue para Surdos: interfaces entre a Pedagogia e a Linguística**. Porto Alegre: Mediação, 2009. p. 113-130.

ISHIKAWA, Maria Inês Garcia; BELLUZZO, Regina Célia Baptista. Práticas inclusivas para deficientes visuais, baseadas na informação e conhecimento: reflexões e ações. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 147-164, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/255/266>. Acesso em: 11 jan. 2024.



LIMA, Estefania Araujo Torres. **A rede social dos pais de crianças com Síndrome de Down na internet:** conexões, informações e representação social. 2018. 114 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Médicas) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5169/tde-03012019-103202/publico/EstefaniaAraujoTorresLima.pdf>. Acesso em: 11 jan. 2024.

MATA, Marta Leandro da. Competência em informação: questões terminológicas e conceituais. In: GERLIN, Meri Nadia Marques (org). **Competência em informação e narrativa numa sociedade conectada por redes.** Brasília: Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, 2018. p. 48-78. *E-book*. Disponível em: http://icts.unb.br/jspui/bitstream/10482/32703/1/LIVRO_CompetenciaInformacaoNarrativa.pdf. Acesso em: 11 jan. 2024.

MELO, Mércia Maria Tavares de. **Família e Escola:** Criando Identidades na Constituição do Sujeito Surdo. 2011. 278 f. Tese (Doutorado em Cultura e Sociedade) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/9045/1/M%C3%A9rcia%20Maria%20Tavares%20de%20Melo.pdf>. Acesso em: 11 jan. 2024.

MIRANDA, Silvânia. Como as necessidades de informação podem se relacionar com as competências informacionais. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 35, n. 3, p. 99-114, set./dez. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ci/a/SWCTzhjB8dLZpNwfhYKKq9f/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 11 jan. 2024.

OTTONICAR, Selma Letícia Capinzaiki; VALENTIM, Marta Lígia Pomim; FERES, Glória Georges. Competência em informação e os contextos educacional, tecnológico, político e organizacional. **RICI: Revista Ibero-americana de Ciência da Informação**, Brasília, v. 9, n. 1, p. 124-142, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/view/2203/1956>. Acesso em: 11 jan. 2024.

PEREIRA, Tatiane da Silva Carvalho; CÂNDIDO, Glácia Vieira; SANTOS, Jorge Lucas Marcelo dos. E o seu Nome é Jonas: recursos visuais e textuais/verbais como crítica ao discurso oralista na educação de surdos. *Revista UFG, Goiânia*, v. 20, n. 26, p. 1-32, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/66285/35797>. Acesso em: 11 jan. 2024.

REIS, Elismar Vicente dos. **Plataformas infocomunicacionais e o compartilhamento da informação:** estudo da geração Z. 2015. 158 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?view=vtls000203816>. Acesso em: 11 jan. 2024.

RIGHETTO, Guilherme Goulart. **Competência em informação de minorias sociais:** Pessoas Trans da região de Florianópolis, Santa Catarina. 2018. 349 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/186804/PCIN0174-D.pdf?sequence=-1&isAllowed=y>. Acesso em: 11 jan. 2024.

RODRIGUES, Ana Filipa; PIRES, António. Surdez infantil e comportamento parental. **Análise Psicológica**, Lisboa, v. 20, n. 3, p. 389-400, jul. 2002. Disponível em: <http://publicacoes.ispa.pt/index.php/ap/article/view/326/pdf>. Acesso em: 11 jan. 2024.



SATUR, Roberto Vilmar; SILVA, Armando Malheiro da. A aprendizagem visando a competência em informação na sociedade em tempos de infoesfera. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, João Pessoa, v. 10, n. esp., p. 02-22, mar. 2020. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/126772/2/391126.pdf>. Acesso em: 11 jan. 2024.

SCHAADE, Sabine. **Depoimento de uma mãe!** Filhos especiais, pais abençoados! 19 abr. 2020. Disponível em: <http://filhosespeciaispaisabençoados.blogspot.com/>. Acesso em: 11 jan. 2024.

SILVA, Arlete Ferreira da; SPUDEIT, Daniela. **Bibliotecas inclusivas:** o que posso fazer para a inclusão das pessoas com deficiência visual?. São Paulo: ABECIN Editora, 2020. 185 p. (Coleção Estudos ABECIN; 10). *E-book*. Disponível em <https://portal.abecin.org.br/editora/article/view/219/194>. Acesso em: 11 jan. 2024.

SPUDEIT, Daniela; FREITAS, Allana; SOUZA, Claudia; ROMEIRO, Nathália; ROSA, Victor. Criação, implantação e avaliação de um programa de competência em informação em alunos do ensino fundamental. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 13, n. esp., p. 885-906, dez. 2017. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1001/852>. Acesso em: 11 jan. 2024.

SOUZA, Isabel Cristina de. Alegria e prazer com a motivação para aprender. *In:* BERBEL, Neusi Aparecida Navas; ROSA, Wagner (org.) **Reflexões de professores**. Londrina: Grafcel, 2011. p. 89-93.

VARELA, Aida; BARBOSA, Marilene Lobo Abreu. Trajetórias cognitivas subjacentes ao processo de busca e uso da informação: fundamentos e transversalidades. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, v. 17, n. esp. 1, p. 142-168, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2012v17nesp1p142/22730>. Acesso em: 11 jan. 2024.

VITORINO, Elizete Vieira. Análise dimensional da competência em informação: bases teóricas e conceituais para reflexão. **RICI: Revista Ibero-americana de Ciência da Informação**, Brasília, v. 9, n. 2, p. 421-440, jul./dez. 2016. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/view/2420/2159>. Acesso em: 11 jan. 2024.

Recebido em: 30 de março de 2024
Aprovado em: 10 de agosto de 2024
Publicado em: 12 de agosto de 2024

